



miguilim

revista eletrônica do nelli

volume 3, número 3, set-dez 2014

RELAÇÕES ENTRE SIGNO E IDEOLOGIA NA LEITURA MATERIALISTA DE BAKHTIN / VOLOCHÍNOV



RELATIONS BETWEEN SIGN AND IDEOLOGY OF READING MATERIALIST BAKHTIN / VOLOCHÍNOV

CRISTIANE LENZ, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL (UFRGS)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 15/11/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

Abstract

In a moment that discursive studies are the focus of investigation of many researches, and the issues that relate to semantics are developing out of a formalist perspective, it is relevant and necessary to bring the theory of Bakhtin / Volochínov (2009), to investigate the relations between the linguistic issues and the social and historical issues. To start such investigation, we propose the reflection of the specificities of the ideological sign. We understand that this concept is essential to develop further studies about other concepts in the work of Bakhtin /Volochínov. The sign, as a material entity, ideologically constitute, reverberates on the concepts of language, enunciation and subjectivity. We propose to reflect

on the sign in its relation with ideology and bring a materiality to understand the functioning and the specificities of the ideological sign.

Resumo

Em um momento em que os estudos discursivos estão sob o foco de investigação de muitas pesquisas, e em que as questões que tangem à semântica estão se desenvolvendo fora de um quadro formalista de estudos da linguagem, é relevante e necessário buscar reflexões na teoria de Bakhtin / Volochínov (2009), que propõem um olhar que aproxima as questões linguísticas das questões de ordem social e histórica. Para um início da investigação da língua sob esse prisma, propomos, neste espaço, a reflexão sobre as especificidades do signo ideológico. Compreendemos que a reflexão sobre esse conceito é um elemento primordial para o desenvolvimento de posteriores estudos sobre outros conceitos da obra de Bakhtin / Volochínov. O signo, enquanto entidade material ideologicamente constituída, é uma noção que repercute nas concepções de língua, enunciação e subjetividade. Propomos pensar o signo em sua relação com a ideologia e trazer uma materialidade de análise para compreender o funcionamento e as especificidades do signo ideológico.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Sign. Ideology. Language. Materialist theory.

PALAVRAS CHAVE: Signo. Ideologia. Língua. Teoria materialista.

Texto integral

O objetivo deste trabalho é refletir sobre um conceito primordial na leitura materialista dos anos 1920-1930, com Bakhtin / Volochínov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009)¹: trata-se do conceito de signo e a concepção de ideologia a ele atrelada. Na medida em que estas são noções primordiais para a compreensão de quaisquer outros aspectos na teoria desses autores, colocamo-nos o objetivo de pensar sobre o signo em sua relação com a forma como a ideologia é concebida nessa obra. Também propomos levantar exemplos para pensar de que forma essa leitura materialista viabiliza interpretações que nos levem a perceber as relações entre língua e história.

A partir da compreensão do conceito de signo ideológico e das especificidades das relações entre signo e ideologia, compreendemos a necessidade de pensar a língua sob um ponto de vista histórico. Nesse sentido, consideramos que uma das grandes contribuições que uma leitura materialista da língua pode oferecer aos estudos da linguagem é mostrar os caminhos que possibilitam compreender a história em uma relação de constituição com a enunciação².

Em um momento em que os estudos discursivos estão sob o foco de investigação de muitos pesquisadores na atualidade, e em que as questões que tangem à semântica estão se desenvolvendo fora de um quadro formalista de estudos da linguagem, é relevante e necessário não deixarmos de buscar reflexões na teoria de Bakhtin / Volochínov, que propõem um olhar que aproxima as questões linguísticas das questões de ordem social e histórica. Para um início da investigação da língua sob esse prisma, propomos, neste espaço, a reflexão sobre as especificidades do signo ideológico.

1. O signo ideológico: o objeto saia no filme *La journée de la jupe*³

Já no início da leitura do capítulo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009), encontramos a relação entre signo e ideologia, e, por isso, não é possível tratar desses conceitos separadamente, pois eles mantêm uma relação de interdependência. Bakhtin / Volochínov afirmam: “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*.” (2009, p. 31) Nesse sentido, o signo seria o material da ideologia. Ou seja, todo o signo é constituído por elementos ideológicos, e esses elementos existem materialmente no signo.

Anteriormente a essa afirmação, os autores refletem que um produto ideológico faz parte de uma realidade, mas mais do que isso, ele reflete e, ao mesmo tempo, refrata uma outra realidade. (*op. cit.*, p. 31) Acreditamos que a ideia de que ele *reflete* a realidade é muito importante, pois, dessa forma, esse objeto é capaz de representar uma realidade e nos permitir apreender seu funcionamento. No entanto, a ideia de que *refrata* uma realidade é essencial nessa concepção de ideologia, na medida em que entendemos que a capacidade desse produto de refratar aspectos de uma realidade corresponde ao mecanismo ideológico de deixar ver uma parte, e, ao mesmo tempo, suprimir outra, na medida em que distorce uma outra realidade: “Ele [o signo] pode distorcer essa realidade. Ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” (*op. cit.*, p. 32) Então, o signo, ao ser produzido no interior de determinadas condições sociais e históricas, reflete uma parte dessas condições, mas também não permite que outra parte seja vista, visto que a ação de *refratar* implica um desvio de algo que estava seguindo um curso, e que, portanto, não permite mais que vejamos o seu início ou o seu percurso.

Bakhtin / Volochínov (2009) refletem que o signo não é, em primeira instância, um corpo físico que se presta a uma função. Mas na medida em que todo corpo físico pode, a partir de um sentido ideológico, ser tomado como símbolo, eles

adquirem, assim, um valor de signo. Expliquemos melhor. Segundo os autores, “todo corpo físico pode ser percebido como símbolo” (*op. cit.*, p. 31), e toda imagem artístico-simbólica motivada por um objeto físico é um produto ideológico que se converte, portanto, em signo ideológico. Nesse sentido, não há oposição entre signo e símbolo, mas sim, uma relação em que, o símbolo, ao produzir uma imagem, já é um signo⁴. Para explicar esse funcionamento do signo como um objeto material ideológico, que se engendra a partir de um corpo físico, Bakhtin / Volochínov (*op. cit.*) citam o exemplo do instrumento de produção:

Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico [...] Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo. (*op. cit.*, p. 32)

Compreendemos, então, que o objeto, tomado em sua função, não se constitui em signo. Mas assim que adquire um sentido produzido por determinadas condições ideológicas, ele obtém um valor simbólico. Sendo dotado de conteúdo ideológico, se configura em um signo. Nesse caso, a foice e o martelo não são somente concebidos como instrumentos de trabalho, mas como signos que produzem o sentido de que a foice representa os trabalhadores do campo e o martelo, os trabalhadores das indústrias, e que essas classes estão à frente da luta comunista na União Soviética.

É importante compreender, então, que o signo não pode estar desvinculado da ideologia, pois é através dela que produz sentido. Um exemplo relativo a isso seria a vestimenta ou o estilo da aparência. O *Black Power* é frequentemente associado a um estilo de usar o cabelo, geralmente o cabelo negro usado espessamente para cima. No entanto, não é possível deixar de lembrar que o termo não pode ser colocado apenas em uma lista de cortes de cabelo, sem que se mencione que ele é uma construção histórica que se originou em um movimento de orgulho negro e luta pela igualdade de direitos entre as décadas de 1960 e 1970. Para compreendermos a diferença entre o objeto “corte de cabelo” e de que forma o *Black Power* se constitui em um modo de luta e protesto a favor da igualdade racial, podemos pensar no contraste produzido pela seguinte imagem: uma pessoa afrodescendente com cabelos quimicamente alisados e a mesma pessoa com cabelo no estilo *Black Power*. O cabelo quimicamente alisado tenta se colocar de forma consonante a determinados valores ideológicos dominantes, enquanto que o estilo *Black Power* põe em destaque a negação destes valores e a afirmação de outros valores, que não são aqueles saberes dominantes. Neste

contraste, é possível perceber que o estilo *Black Power* não pode ser tomado como simples modo de usar o cabelo sem que se considere o sentido de luta pela igualdade racial que se constitui ideologicamente e historicamente a partir dele.

Dessa forma, o signo não é um corpo físico destituído de sentido ideológico. O corpo físico pode ser apenas um objeto ou um instrumento com determinada função. Mas no momento em que esse objeto adquire sentido em um contexto social e histórico, ele se torna um signo ideológico, que se caracteriza por sua natureza material. Atentemos para a seguinte passagem:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (op. cit., p. 33)

A partir disso, compreendemos que o material do signo consiste em qualquer tipo de fenômeno material que se constitua ideologicamente no mundo exterior, utilizando as palavras dos autores. Dessa forma, ele é um fragmento material da realidade, e torna-se, assim, um objeto passível de investigação. É importante atentar para a menção aos *efeitos* do signo, suas ações, reações e novos signos que são produzidos. Ao se constituir enquanto tal, o signo ideológico produz seus efeitos nos outros signos, ou gera novos signos, como se fosse uma resposta.

Tomemos um exemplo um tanto complexo, que não buscamos esgotar devido a sua amplitude, para perceber de que forma um signo se apresenta de diferentes formas em diferentes momentos históricos, e o seu uso implica o uso de outros signos, e produz significados diferentes para cada enunciado. Pensemos no objeto “saiá”. Sua função é a de vestimenta, de cobrir o corpo, etc. Agora pensemos em como ela é vista de forma diferente em períodos distintos. Primeiramente, podemos lembrar que, na década de 60, usar uma minissaia era divergir dos valores morais e religiosos da época, e, mais do que isso, protestar contra eles⁵. Mas queremos pensar aqui a relação da peça de roupa *saiá* com a peça de roupa *calça*. Durante a primeira metade do século XX, usavam calças somente as mulheres cujo trabalho exigia, ou então artistas do cinema que lançavam moda e provocavam escândalo ao vestirem calças. Poderíamos dizer que foi a segunda metade do século XX que acompanhou um processo que naturalizou o uso de calças pelas mulheres. Até aqui já temos um quadro bastante contraditório, que é o de que, ao invés de exercer o direito de usar calças, nos anos 60, muitas jovens encurtavam suas saias.

O filme francês “O dia da Saia”, com título original “Lá journée de la jupe” traz uma situação passível para discutir mais uma contradição. Para situar brevemente o enredo, a personagem principal é uma professora de francês de uma escola pública da França, cujos alunos são, em sua maioria, de famílias imigrantes muçulmanas. É importante atentar para o fato de que, essa escola, lutando com tantas adversidades, sugeria às professoras que usassem calças, aparentemente para não destacar a sua condição de mulher e todo o julgamento que isso implicava por parte dos alunos, devido à predominância da religião muçulmana, cuja doutrina estabelece a inferioridade das mulheres em relação aos homens e as submetem ao uso da burca. A professora, no entanto, se negava a deixar de usar saias, declarando constantemente que estava em uma escola laica e sob o poder da lei da França que punia quaisquer atitudes de preconceito racial ou de gênero. Suportando seu trabalho em meio a um ambiente tenso, de relação extremamente hostil entre os alunos, sofrendo constantes agressões, essa professora – que descobrimos, ao final, que ocultava sua origem muçulmana – vê-se diante de uma arma trazida por um aluno e a empunha, fazendo os estudantes reféns e fazendo ela, agora, o papel de opressora. Ao ser questionada pela polícia sobre quais seriam suas reivindicações para liberar os reféns, ela exige, além da demanda de falar com jornalistas, que o ministro declare o “Dia da Saia”, ou seja, o dia em que, uma vez por ano, todas as mulheres deveriam vir à escola de saia e não seriam vítimas de escárnio e desrespeito por sua condição de mulher. Diante dessa exigência, uma personagem mulher, autoridade na escola, argumenta que isso não faria sentido, pois diante da luta pelo direito de usar calças, essa reivindicação seria um retrocesso.

É essencial perceber o que implica usar calças e usar saia na realidade dessa escola. A calça não é um símbolo da liberdade e da igualdade de gêneros. Mas sim é uma medida de proteção, que visa proteger a mulher da condição de ser mulher, ou seja, não chamar atenção para a sua condição feminina. Usar saia, ao contrário, significa expor essa feminilidade, e, junto com ela, todos os conceitos que estão agregados à concepção de mulher naquele meio social, com diversidades de crenças e de imigrantes provenientes de diversos lugares, com predomínio da religião muçulmana, que mantém suas mulheres em posição de extrema submissão. Então, nesta escola laica, a proposta do uso de calças e não de saias visa neutralizar a diferença de gênero que é ainda maior aos olhos dos estudantes muçulmanos.

Dessa forma, vimos que uma peça de vestimenta, a saia, tem o sentido do seu uso redefinido conforme o tempo e conforme o meio social e histórico. Além disso, esse objeto também adquire sentido em sua relação de oposição a um outro, as calças. No contexto em que acabamos de analisar, saia e

calça formam um par opositivo, cada um responsável por resguardar determinadas características de gênero.

2. O signo, a palavra e a ideologia do cotidiano

Apesar de reconhecer que o signo pode se materializar nos fenômenos mais diversos – o som, a cor, o movimento, etc. – Bakhtin / Volochínov mostram que: “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] A palavra é o mais puro e sensível da relação social.” (*op. cit.*, p. 36) Isso por conta do seu “[...] valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica [...]” (*op. cit.*) Por causa dessas características, a palavra se torna o objeto fundamental dos estudos das ideologias. (*op. cit.*, p. 39) Por isso também é que, segundo os autores, a palavra é o indicador mais sensível das transformações sociais (p. 42).

Aqui, pensamos no caráter social do signo. Os autores afirmam que o signo provém de um consenso entre indivíduos socialmente organizados ao longo de um processo de interação (*op. cit.*, p. 45). Mas é preciso considerar que tipo de consenso é este. Não é a concepção saussuriana de uma convenção herdada pelas gerações, como um produto pronto e imposto, sobre a qual nos falam os autores em sua crítica a esta corrente que denominam objetivismo abstrato⁶. Mas sim, é uma concepção em que o signo se constitui a partir de uma organização social em que se inserem os indivíduos, no decorrer do processo de interação. Então, esse chamado *consenso* é uma construção que acontece neste processo de interação, no interior de uma organização social, e se constitui através da história, pela ideologia.

Neste momento, nos questionamos sobre que concepção de ideologia encontramos nessa leitura. Lähteenmäki (2012, p. 95) nos auxilia a entender de que forma a ideologia é concebida por Bakhtin / Volochínov:

Em sua teoria acerca do signo linguístico, Voloshinov⁷ usa o termo “ideologia” com duas acepções distintas. Primeiramente, “ideologia” pode se referir a uma visão de mundo social específica, isto é, à ideologia de uma classe social em particular. Em segundo lugar, Voloshinov usa o termo de uma forma mais ampla e de sentido mais idiossincrático para designar diferentes esferas da atividade humana, as quais envolvem o uso dos signos.

É importante atentar para o fato de que Bakhtin / Volochínov (2009) falam de ideologia como uma visão historicamente estabelecida em uma determinada organização social, que prevalece e domina a forma como essa sociedade se

constitui e funciona. Mas eles também tratam da *ideologia do cotidiano*, e a definem como “a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, [...] para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc.” (2009, p. 123). Acreditamos que essa distinção está expressa na reflexão de Läteenmäki (2012), de modo que a ideologia do cotidiano teria esse sentido mais idiossincrático do qual o autor fala, pois, segundo Bakhtin / Volochínov (2009, p. 123): “A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência.”⁸

A reflexão sobre a ideologia do cotidiano é extremamente importante porque, segundo os autores, os demais sistemas ideológicos – a moral, a ciência, a arte, a religião, etc. – compõem-se dos elementos da ideologia do cotidiano, e, por sua vez, exercem um retorno, uma influência a essa ideologia. Obviamente, não é totalmente possível estabelecer os limites entre a ideologia do cotidiano e outros sistemas ideológicos instituídos.

Pensemos em um processo em que há uma relação de mútua constituição entre esses dois sistemas. Tomemos a aproximação – ou a tentativa de aproximação da comunidade universitária com outros setores da sociedade. Digamos que o setor de educação física de uma universidade implanta um sistema que oferece, a baixo custo, a prática de exercícios físicos a mulheres de meia-idade, que comprovem baixa renda. A proveniência dessa iniciativa pode ter se originado na necessidade manifesta pela comunidade dessa categoria de mulheres – por meio da interação cotidiana, que percorre vários setores, até chegar à mídia, por exemplo; ou pode ter se originado na própria universidade, que percebe um nicho de mercado que pode ser explorado. Mas de que forma esse segmento se apresenta como aberto, disponível? Ele se coloca como uma possibilidade na medida em que os sistemas ideológicos já instituídos, como o discurso da saúde, da beleza, do avanço da idade, etc., estão agindo de forma a dar abertura a esse segmento. Então, há um processo de influência e constituição mútua entre o que é categorizado como ideologia do cotidiano e o que se caracteriza pelos sistemas ideológicos instituídos. Esse processo não é transparente e não tem início nem fim.

A concepção de ideologia do cotidiano também é desenvolvida no texto de Volochínov (2013), *Que é a linguagem?* e se assemelha ao que foi dito até agora acerca dessa noção em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Vejamos como constatamos essa aproximação na seguinte passagem:

A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados “conscientes”. Do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis

ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas. [...] esses sistemas exercem uma influência fortíssima sobre a ideologia cotidiana e na maior parte das vezes lhe dão o tom dominante. Ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos em formação conservam sempre um vínculo vivíssimo com a ideologia cotidiana, se nutrem de seus jogos e, separados dela, se deterioram e morrem. (Volochínov, 2013, p. 152, 153)

Essa afirmação corrobora o nosso entendimento sobre a influência e a mútua constituição da ideologia do cotidiano e dos sistemas ideológicos constituídos, utilizando a expressão de Bakhtin / Volochínov (2009, p. 123). A afirmação de Volochínov (2013), trazida por nós mais acima, também chama atenção para o fato de que esses sistemas não são de uma natureza cristalizada e estática, pois ele diz: *esses produtos ideológicos em formação*. Parece que haveria uma ligeira contradição entre *produtos* e *em formação*, pois se supõe que um produto seja um objeto pronto. Mas essa contradição se dissipa quando lembramos que o produto em questão mantém uma relação causal com fatores sociais e históricos, então, essa relação supõe um processo contínuo, que não é estático, por isso, é possível a referência a *produtos ideológicos em formação*.

Há uma definição do conceito de ideologia que Volochínov (2013, p. 138) traz em nota de rodapé, e que nos parece um ótimo recurso para entendermos o seu conceito central de ideologia: “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas”.

Compreendemos que essa definição vai ao encontro da ideia de signo e ideologia sobre a qual nos movimentamos, a partir de nossa leitura de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Ela destaca, sobretudo, o caráter material da ideologia. Além disso, ao nos depararmos com a expressão *que se sucedem no cérebro do homem*, não é possível pensar que a ideologia seja uma construção subjetiva que tem seu início na atividade psíquica do homem. Muito pelo contrário, esse conjunto de interpretações compreende um processo que se estabelece a partir de um exterior social, ou seja, seu centro organizador é externo ao indivíduo, mesmo porque a palavra *reflexos*, utilizada por Volochínov nesta definição, supõe uma representação da realidade social e natural.

3. Ideologia e relações entre infra-estrutura e superestrutura

Läteenmäki (2012), em seu texto *Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido*, propõe a discussão da noção de ideologia no interior da relação entre a superestrutura e a infra-estrutura. O autor afirma:

Voloshinov situa diferentes formas de criatividade ideológica na superestrutura, o que implica que as verdadeiras formas que a criatividade ideológica adquire em diferentes esferas estão relacionadas de forma causal com a base socioeconômica. (Läteenmäki, 2012, p. 96)

Então, ao situar as formas de criatividade ideológica, que entendemos como a atividade cotidiana de caráter ideológico, na superestrutura, o autor coloca a questão da relação entre a superestrutura e a infra-estrutura, já que, em uma leitura marxista, a base econômica determina, em última instância, a superestrutura. A principal preocupação de Bakhtin / Volochínov (2009) é rejeitar uma relação causal mecanicista, como constatamos na seguinte afirmação:

A esfera de aplicação da categoria de causalidade mecanicista é extremamente limitada; mesmo nas ciências naturais ela se reduz cada vez mais à medida que o materialismo dialético alarga seu campo de aplicação e aprofunda suas teses. (p. 40)

Läteenmäki (2012) também lembra que essa relação causal não é uma relação mecanicista. Ele afirma que: “O que Voloshinov parece ter em mente é uma “causalidade mediatizada”, a qual considera que a base socioeconômica é refratada na ideologia dos membros de uma classe social determinada [...]” (Läteenmäki, 2012, p. 96). Entendemos, com essa reflexão, que a base econômica não se apresenta como categoria de determinação para os membros de uma classe social, pois ela é refratada pelo mecanismo ideológico, ou seja, ela não se deixa perceber em quanto tal no modo de vida desses indivíduos.

A ideia de causalidade mediatizada se estabelece na obra de Bakhtin / Volochínov quando esses sugerem uma *relação recíproca* entre a infra-estrutura e a superestrutura. (2009, p. 42) Os autores fazem uma crítica ao estabelecimento de uma relação causal mecanicista em que tudo seria determinado pela infra-estrutura, já que as transformações da base econômica incidem em implicações nos componentes ideológicos da superestrutura. Sob a perspectiva dessa crítica, um elemento ideológico não surge constituído somente pela instância econômica, mas por uma pluralidade de componentes.

Como exemplo da problemática de realizar uma análise com base em uma relação causal mecanicista, os autores trazem o romance de Turguiêniev, *Rudin*, para discutir de que forma a criação do personagem do *homem supérfluo* não deriva diretamente e exclusivamente das condições econômicas da época, e esse análise não tem valor se não for discutido o papel desse “homem supérfluo” na obra e no conjunto da vida social. (*op. cit.*, p. 41) Assim, os autores argumentam:

Não parece evidente que entre a transformação da estrutura econômica e o aparecimento do “homem supérfluo” no romance existe um longo percurso que passa por uma série de esferas qualitativamente diferenciadas, estando cada uma delas dotada de um conjunto de regras específicas e de um caráter próprio? Não parece evidente que o “homem supérfluo” não surgiu no romance de forma independente e sem nenhuma ligação com os outros elementos constitutivos do romance? (p. 41, 42)

Dessa forma, os autores trazem para a discussão os fatores que mediam a relação causal entre a infra-estrutura e superestrutura, para descobrir “*como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação.” (*op. cit.*, p. 42) Na medida em que a realidade determina o signo, então também o signo é indicador das transformações sociais (p. 42). Läteenmäki (2013, p. 99) compreende que:

[...] as relações de produção e a ordem sociopolítica modelada por tais relações determinam a variação total dos contatos verbais entre as pessoas, todas as formas e significados de sua comunicação – no trabalho, na vida política, na criatividade ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam não somente os modos, mas também os temas das comunicações.

Dessa forma, o autor considera as relações de produção e a ordem sociopolítica como fatores que determinam as formas de contatos verbais entre os indivíduos. Das condições em que essas formas de comunicação se engendram, derivam os temas das comunicações. Então, essa afirmação parece esclarecer o que viria a ser uma relação mediatizada entre os elementos da base econômica e os elementos da superestrutura.

A necessidade de tratar dessas relações neste espaço, em que dedicamos à investigação do conceito de signo ideológico, é o fato de que o elemento ideológico se constitui materialmente através do signo. Para os autores, “O problema da relação recíproca entre a infra-estrutura e as superestruturas [...] pode justamente ser esclarecido, em larga escala, pelo estudo do material verbal.” (*op. cit.*, p. 42) Isso porque, segundo eles, é através do signo que podemos observar a “trama” de relações que se estabelecem a partir do seu uso social, conforme lemos em Bakhtin / Volochínov (*op. cit.*):

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. (p. 42)

Em face ao exposto, acreditamos ter discutido algumas questões necessárias para uma caracterização da concepção de signo e ideologia para Bakhtin / Volochínov, bem como trouxemos uma introdutória reflexão acerca das relações entre infra-estrutura e superestrutura. No entanto, estamos conscientes de que fazemos uma seleção de aspectos a serem considerados, e que esses conceitos poderiam ser investigados sob outro ponto de vista e com base em comparações com outras teorias.

Considerações finais

Pudemos observar, a partir deste estudo, a relevância da teoria de Bakhtin/ Volochínov (2012) para os trabalhos discursivos, na medida em que uma leitura materialista oferece uma visão que permite compreender as relações entre língua, história e ideologia.

O pensamento desses autores nos oferece muito mais do que pensar o signo ideológico, mas é necessário que comecemos por essa reflexão. A língua, para Bakhtin / Volochínov, é de natureza social, e o que é social está em relação de constituição com o que é ideológico. O lugar de materialização da ideologia é o signo, por isso, esses conceitos andam juntos.

Esse estatuto social da língua, que a coloca em relação de constituição com a ideologia, abre um leque de possibilidades de leitura e investigação. Marina Yaguello, na introdução à presente edição de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, coloca em forma de pergunta alguns questionamentos que são primordiais nessa obra: “Sendo o signo de natureza social, em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem?” (2012, p. 13) Esses questionamentos são o centro de uma investigação que produz discussões que tangem à investigação de diversos elementos constitutivos da língua. E o que está no cerne dessa investigação é o signo, em seu caráter material e ideológico.

Notas

¹ Utilizaremos a denominação Bakhtin / Volochínov para indicar a autoria. A edição com que trabalhamos traz a autoria conjunta. Além disso, a introdução desta edição de 2009, de Marina Yaguello, afirma a impossibilidade de afirmar quais as partes do texto que se devem a Volochínov (p. 13). Com isso, há a afirmação da participação de Volochínov na autoria da obra.

² A tradução brasileira de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* traz o termo *enunciação*, assim como as traduções em língua inglesa e espanhola. No entanto, a partir do original, poderia haver um aprofundamento sobre a questão do enunciado como acontecimento. No presente trabalho, nos limitaremos ao termo *enunciação*, respeitando os limites da tradução brasileira, com a qual trabalhamos.

³ Filme francês de Jean-Paul Lilienfeld, lançado em 2008. Título em português: *O dia da saia*.

⁴ Trazemos essa reflexão porque ela se opõe à concepção saussuriana de signo linguístico. Segundo o *Curso de Linguística Geral* (1995, p. 81, 82), as noções de signo e símbolo não convergem, já que o signo é a relação entre a forma e a imagem acústica e o símbolo é uma convenção, uma relação que estabelece uma regra, e, mais importante, o símbolo, ao contrário do signo, não é completamente arbitrário, pois há “um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado.” (*op. cit.*, p. 82)

⁵ Sobre isso, ver texto de Maria Eunice Maciel, *A (r)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou* (2009).

⁶ O objetivismo abstrato é assim denominado por Bakhtin / Volochínov (2009) para se referir à orientação do pensamento filosófico-linguístico cuja principal representação é a escola saussuriana. No capítulo quatro de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, encontramos uma crítica ao conceito de língua enquanto sistema de signos e as implicações desta concepção para outras noções que dizem respeito aos estudos da linguagem. Esta leitura é bastante proveitosa para entendermos de que forma a teoria materialista de Bakhtin / Volochínov se constrói de forma oppositiva a outras correntes do pensamento filosófico-linguístico.

⁷ A tradução inglesa utilizada por Lähteenmäki (2012) traz como autor de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* apenas Volochínov, e não Bakhtin / Volochínov, como nós o fazemos, ao trabalharmos com a tradução em língua portuguesa.

⁸ Lähteenmäki (2012) também traz a reflexão de que Volochínov distingue a ideologia da vida, que contempla as formas de atividade semiótica da ideologia propriamente dita, que designa “as esferas da atividade simbólica, as quais podem ser caracterizadas como sistemas estabelecidos de ideologia (a arte, a ética, o direito).” (p. 95, 96) Acreditamos que essa relação está baseada na leitura sobre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos constituídos, pois a ideologia do cotidiano contempla, assim como o que o autor chama de “ideologia da vida”, a atividade semiótica que acompanha todo sistema ideológico.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

LÄHTEENMÄKI, Mika. **Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido**. In: ZANDWAIS, Ana. *História das Ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2012.

MACIEL, Maria Eunice. **A (r)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou**. Organon: Porto Alegre, v. 23, n. 47, jul/dez 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentim Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

Para citar este artigo

LENZ, Cristiane. Relações entre signo e ideologia na leitura materialista de Bakhtin / Volochínov. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, JUL-DEZ. 2014, p. 15-27.

A Autora

Cristiane Lenz é mestranda em Teorias do Texto e do Discurso pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.